

## ENTREVISTA

### João Alberto da Costa Pinto (Pós-Doutor em História Social, Professor, Universidade Federal de Goiás)

#### Sobre o entrevistado

Professor Titular na Faculdade de História e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em História da Universidade Federal de Goiás (FH/PPGH/UFG).

Mestrado em História na PUC de São Paulo. Doutorado em História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós-Doutorado em História Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Contemporânea na Faculdade de História da UFG (NEPHC/FH/UFG).

Coordena o Grupo de Pesquisa Capitalismo e História: Instituições, Cultura e Classes Sociais (UFG/CNPq).

Coordena o Grupo de Estudos: Trajetórias Intelectuais em perspectiva de História Comparada na Faculdade de História da UFG (GETIHC/FH/UFG).

Autor do livro: O nacionalismo corporativista de Caio Prado Júnior (2013).

ORCID: 0000-0002-2493-4567

Lattes: 4246394797193440

E-mail: joaoacpinto@yahoo.com.br

**1. A guerra de narrativas, a guerra de propaganda é um componente indissociável da História das guerras. Assemelha-se ao dramático universo shakespeariano em que o cinismo, a hipocrisia, as dores, as tramas, as intrigas, a maldade humana, quem começou, quem sofreu mais e outros aspectos desfilam aos nossos olhos incrédulos. Israel leva vantagem nessa Guerra em relação aos Ocidentais?**

**João Alberto da Costa Pinto** – Diante dos acontecimentos do Holocausto nazista que levou à morte de mais de cinco milhões de judeus na Europa durante o processo da Segunda Guerra Mundial, a formação do Estado de Israel na Palestina no ano de 1948, como o lugar de “salvação” dos judeus do mundo, a pátria dos judeus no mundo, foi amplamente aceita como justa e necessária. O sionismo justificava a necessidade dessa pátria desde fins do século XIX. Ressalte-se que a construção ideológica de Israel como pátria dos judeus do mundo é uma invenção sionista e não da comunidade judaica mundial. O sionismo é um movimento político nacionalista-racista radical gestado na Europa na segunda metade do século XIX. É importante, melhor, é fundamental destacar esse detalhe: o sionismo organizou-se como facção política em oposição à lógica político-social das comunidades judaicas europeias que na sua esmagadora maioria se percebiam como comunidades assimiladas ao corpo social nacional a que se viam envolvidos. Judeus assimilacionistas na Alemanha definiam-se como alemães de confissão religiosa judaica. Os

sionistas com as suas premissas sectárias, racistas, ultranacionalistas hipertrofiaram a perspectiva redentora de uma pátria para os judeus, no caso, através das articulações que já realizavam com o colonialismo britânico para uma Palestina como *Lar Nacional dos Judeus*.

Com o ataque do Hamas a Israel no último dia 7 de outubro, com a pátria violada pela “ameaça terrorista”, o mundo mais uma vez deu toda a razão a Israel e vem dando amplo apoio à guerra contra o “terror” do Hamas. O estigma do árabe terrorista construído nas últimas décadas após o ataque às Torres Gêmeas (EUA), no terrorismo de Osama Bin Laden, as “ditaduras” de Muammar Gaddafi (Líbia) e Saddam Hussein (Iraque), as cenas de degola de prisioneiros promovidas pelo Estado Islâmico (ISIS) fartamente divulgadas nos últimos anos, todo esse conjunto formou um quadro caricatural de demonização dos árabes como terroristas, tanto que, de imediato, a opinião pública mundial viu com horror as cenas “bestiais” do Hamas contra Israel dando razão à “vítima” e justificando imediatamente a conquista de Faixa de Gaza pelas tropas israelenses. Na aparência fática e diante do que já se construiu contra os árabes nas últimas décadas, Israel poderá tranquilamente manter a sua ofensiva genocida contra a população civil palestina de Gaza. Mas um fato é fato: historicamente, desde sempre, o Estado Sionista de Israel é um Estado terrorista contra os árabes palestinos. Adiante desenvolvo melhor essa questão.

## **2. Porque o Ocidente não se sensibiliza com a situação Palestina da mesma forma com que se sensibilizou com os ataques do Hamas no dia 7 de outubro?**

**JACP** – Como disse acima, o árabe à luz da opinião pública mundial é o “outro bestial” que tem sua existência demonizada a priori. Poucos sabem o que significa a Palestina, e todos sabem da existência de Israel. Fica difícil a compreensão de que antes da existência de Israel havia uma Palestina árabe com um processo civilizatório desenvolvido ao longo de centenas e centenas de anos, mais de mil anos de história árabe

muçulmana na região da Palestina foram apagados sistematicamente aos olhos do mundo pela máquina estatal sionista de Israel desde a sua fundação em maio de 1948. Com inferências exegéticas às mitologias bíblicas, o primeiro governo de Israel sob a gestão de Ben Gurion, um sionista trabalhista reputado como um governante progressista, tornou obrigatório o ensino dos escritos religiosos em paralelo ao processo de formação escolar. As crianças em Israel têm esse duplo movimento formativo, o percurso escolar convencional consorciado pelos estudos dos cânones religiosos fundacionais, especialmente a Bíblia e a Torá. Shlomo Sand (2011) no livro – *A invenção do povo de Israel*, descreve muito bem como essa máquina estatal de propaganda sionista se estruturou. Uma mitologia que apagou séculos de História Árabe na região num procedimento explicativo que traduzia o retorno dos judeus à sua Terra Natal dos tempos primevos dos hebreus / judeus expulsos daquela região pelo Império Romano. Do Império Romano à fundação de Israel num átimo de segundo, um tempo histórico mítico. Os árabes-palestinos deixaram de existir aos olhos do mundo desde os primeiros momentos do Estado Sionista de Israel.

Reitero a ressalva que fazia na questão anterior: Israel como a Terra Prometida do judeu é uma construção ideológica do sionismo nascido em fins do século XIX como facção política radical-dissidente nas comunidades judaicas europeias, segundo Shlomo Sand (2011) e João Bernardo (2003 e 2010), os sionistas radicais representavam no máximo 2% dos interesses da comunidade judaica internacional. Uns poucos intelectuais (Heinrich Graetz e Theodor Herzl) deram forma teórica à impressionante máquina de matar árabes -palestinos desde os primeiros momentos do Estado de Israel. De Ben Gurion a Benjamin Netanyahu, o sionismo sempre triunfou em Israel. E, historicamente, o sionismo, inicialmente consorciado ao colonialismo britânico no Sudoeste da Ásia, e depois consorciado com o nazismo alemão e com o fascismo italiano, sempre teve e vem mantendo uma leitura racista perante os árabes. Os palestinos são os “judeus”

exterminados pelo sionismo-nazista do Estado de Israel, penso que é essa a perspectiva correta para se entender os fatos recentes do conflito Israel-Hamas: desde sempre, insisto, o Estado Sionista de Israel adota práticas genocidas de extermínio racial do árabe-palestino.

### **3. Outro aspecto importante na conjuntura atual é o posicionamento das grandes potências? Como você avalia o envolvimento norte-americano? E a China? E a Rússia? França? Alemanha? E a Rússia?**

**JACP** – Desconheço o envolvimento de China, Rússia, França e Alemanha na atual conjuntura do conflito Israel-Hamas, é certo que há bastidores que envolvem tais atores na cena geopolítica do conflito, mas os desconheço. O envolvimento dos EUA é evidente pela colossal máquina de guerra apresentada a favor de Israel que foi estacionada às primeiras horas do conflito no Mar Mediterrâneo e lá permanece como instrumento de dissuasão de eventuais apoios ao Hamas por parte do Hezbollah-Líbano e Irã, principalmente o Irã.

### **4. A forma enérgica com que Israel está agredindo a Faixa de Gaza pode acender algum tipo de antissemitismo?**

**JACP** – A forma enérgica (o melhor termo talvez seja: a *forma infame*) de agressão à Faixa de Gaza vem transformando aquele enclave territorial, que desde a década de 1990 se fez num campo de concentração a céu aberto, agora no maior cemitério a céu aberto do mundo. Mas, curiosamente, o que se percebe é o crescente apoio internacional às investidas de Israel na região. A carnificina do Estado Sionista de Israel está naturalizada. Hoje, os milhares de vítimas da máquina de matar israelense são apenas estatísticas nos noticiários diários.

### **5. Como você analisa a conjuntura global que, de um lado, vemos o ocidente acusar a Rússia – uma potência – em guerra com um país mais fraco – Ucrânia – e, ao mesmo tempo, coloca-se ao lado de outra potência – Israel – que cerca um povo que ao mesmo tem um Estado. Essa situação pode levar a falência definitiva da ONU?**

**JACP** – A ONU é uma instituição falida, inócua, desde a sua origem em 1947. Foi das elegantes e educadíssimas cadeiras da ONU que nasceu o Estado genocida de Israel em maio de 1948. A Palestina em fins de 1947 tinha aproximadamente 1,4 milhão de árabes palestinos radicados na região havia séculos. A comunidade judaica tinha aproximadamente 60 mil pessoas que gravitavam em torno de Haifa e Tel Aviv (fundada em 1907 com financiamento do barão de Rothschild)<sup>1</sup>. Mas o apoio efetivo à construção de Israel como pátria dos judeus veio do nazismo alemão. Esse é um dos grandes paradoxos do mundo contemporâneo. Bernardo (2003 e 2010), Pappé (2007) e Sand (2011) apresentam em detalhes essa “estranha” conexão. O barão de Mildenstein, o nazista encarregado da questão dos judeus na SS nazista esteve reunido com sionistas em Tel Aviv em 1933 com o propósito de melhor organizar com o apoio do BETAR (uma organização fundada por um sionista-nazista chamado Vladimir Jobotinski<sup>2</sup> com o propósito de mobilizar milícias sionistas radicais por toda a Europa, em especial na Itália e na Alemanha). O BETAR trabalhou com os nazistas na questão do envio à Palestina dos “melhores” e “mais aptos” judeus que já estavam encarcerados nos campos de concentração. Da visita de Mildenstein à Palestina foi cunhada uma medalha celebrando o acordo dos nazis com os sionistas, uma medalha que tem numa face a Estrela de David e na outra a Cruz Suástica, o emblema maior do nazismo<sup>3</sup>.

Os gentis senhores da ONU aprovaram a resolução que determinava a fundação de Israel em terras árabes que cerca de 60% do território palestino passaria ao controle dos sionistas. Mais de 750 mil palestinos viram-se acucados em meio a uma selvageria colonialista sem igual, essa catástrofe, esse desastre segue inconcluso,

centenas de vilarejos árabes foram ocupados por judeus, terras árabes ocupadas por judeus, milhares de árabes foram mortos pelo IRGUN e pela HAGANÁ (as forças militares do terrorismo do Estado de Israel)<sup>4</sup> ainda no ano de fundação de Israel, enfim, a atual ocupação militar de Gaza é um desdobramento desse processo iniciado em 1948, esse genocídio que vem matando centenas de milhares de palestinos nos últimos 75 anos ganhou um nome: *Nakba* (a palavra árabe que significa *catástrofe*). O Conselho de Segurança da ONU pode até se manifestar contrário à guerra, mas basta a mão saloia da embaixadora estadunidense em voto contrário e a guerra mantêm-se. Mas mesmo que a ONU aprovasse por unanimidade qualquer moção contrária à guerra contra Gaza, o Estado Sionista de Israel ignoraria como sempre ignorou outras moções contra si.

Descrevo um exemplo de como Israel nunca respeitou qualquer diretriz da ONU: O *Plano Jarrig*, documento-proposta para um acordo de paz entre Israel e Egito após o conflito de 1967, a famosa Guerra dos Seis Dias. Foram anos de debate inútil nos salões da ONU até se aprovar em 1971 o *Plano Jarrig*<sup>5</sup> sugerindo que para um acordo de paz entre Israel e Egito que o governo sionista da senhora Golda Meir recusasse dos territórios invadidos pertencentes ao Egito (Faixa de Gaza e Península do Sinai). A senhora Golda Meir e a súa de burocratas que governavam com ela desdenharam não só do plano como de uma eventual capacidade de reação militar dos egípcios. Anwar Sadat reagiu militarmente em 1973 (Guerra do Yom Kippur) e o sionismo surpreendeu-se com a investida militar do Egito. Israel venceu o conflito, mas foi obrigado a negociar a paz e a retirar-se das regiões ocupadas em solução diplomática ocorrida em 1977 (dez anos após o conflito inicial) que foi praticamente a mesma apresentada pelo diplomata sueco Gunnar Jarrig em 1971. Esse processo que levou uma década para se resolver (parcialmente) é demonstração cabal de como a ONU aos olhos do Estado Sionista de Israel é uma completa nulidade institucional.

## **6. Em sua opinião, a proteção Ocidental direcionada à Israel é fruto das feridas da Segunda Guerra Mundial ou uma forma de conter o crescimento dos países árabes, da Turquia e do Irã?**

**JACP** – Certamente que o peso histórico do Holocausto nazista é determinante. Os milhões de judeus mortos nos campos de concentração e fornos crematórios nazistas definiram e definem permanentemente Israel como pátria libertadora e saneadora dos sofrimentos da Segunda Guerra Mundial. Israel em 1948 é uma cunha ocidental lastreada pelos EUA no Sudoeste da Ásia não só para conter os países árabes como para evitar a presença soviética na região.

## **7. Como avaliar a participação dos atores regionais neste conflito? Irã? Arábia Saudita, Egito e Qatar?**

**JACP** – A princípio tais países que formaram outrora a Liga Árabe mantêm-se formalmente neutros diante do conflito, como disse acima, o apoio aos palestinos, e certamente que esse apoio existe, é construído nos bastidores e não tenho informações para descrever melhor as especificidades de cada um desses países diante do conflito.

## **8. Por que o conflito entre Israel e Palestina está longe de um desfecho positivo?**

**JACP** – Não há qualquer condição de um desfecho positivo para o conflito pois em poucos anos não haverá nenhuma possibilidade de institucionalização de um Estado Palestino. Os árabes-palestinos em Gaza e na Cisjordânia estão em vias de “desaparecimento”, teremos ainda no atual conflito mais alguns milhares de mortos, centenas de crianças palestinas mortas, esse é o projeto sionista-fascista do Estado de Israel, mas com a desintegração do controle territorial de ambas regiões, os árabes-palestinos estarão permanentemente na condição de exilados no seu próprio país, quando muito poderão ser organizados em algumas reservas (no modelo das reservas indígenas norte-americanas) ou

“bantustões” (conforme o modelo sul-africano no regime de décadas de apartheid com as populações negras). Restará a simples sobrevivência miserável no dia a dia em locais assim ou o simples desaparecimento dessas populações que tentarão se refugiar nos países árabes vizinhos ou noutros locais do mundo. Israel é um Estado genocida, sua historicidade institucional sob os permanentes governos sionistas segue em muitas experiências coloniais que nações europeias, como Alemanha e Inglaterra já consumaram. O colonialismo inglês exterminou por completo a população da Tasmânia, a última sobrevivente da Tasmânia em fins do século 19, uma mulher de nome Truganina, tem o seu esqueleto exposto no Museu de História Natural de Adelaide, Austrália. Os tasmânicos eram chamados pelos ingleses de *fósseis vivos*. O leitor pode consultar o extraordinário livro de Sven Lindqvist (2005) – *Exterminem todas as bestas*, para saber mais sobre esse extermínio. Os alemães, quando colonizavam a atual região da Namíbia, exterminaram os Hereros, população local que se viu expulsa das suas terras e obrigada a ir para o deserto onde todos foram dizimados pela fome e sede. O colonialismo europeu no século XIX tem exemplos de carnificinas inomináveis, o capitalismo no seu processo expansionista matou milhões de pessoas. No Congo, no ciclo da borracha de 1895 a 1903 o colonialismo de Leopoldo II, rei da Bélgica, mas que tinha o Congo como sua propriedade particular (o Congo só se tornou colônia da Bélgica após a morte de Leopoldo II em 1909), matou mais de 10 milhões de congoleses, conforme o relatório de Roger Casement apresentado ao parlamento britânico em 1904, relatório que se tornou o primeiro documento mundial em defesa dos direitos humanos<sup>6</sup>. O governo Bolsonaro vitimou milhares de indígenas na Amazônia em modelo neocolonial excruciante: os dizimava através da fome e doenças. Bolsonaro é um consorte de primeira hora do Sionismo Genocida do governo de Benjamin Netanyahu.

Com experiências históricas assim os sionistas continuarão a matar sem piedade alguma

os palestinos que porventura se levantem contra esse colonialismo interno. Os que não resistem, vegetam e morrem encarcerados em Gaza num suicídio coletivo a céu aberto como nunca visto na História Contemporânea. Os judeus de Israel e do mundo deveriam dar um basta ao sionismo do Estado de Israel, mas, longe de qualquer antissemitismo, parece que estão bastante confortáveis com a “proteção” desse Estado nazista-genocida às suas confortáveis vidas. Nada mudará. Há décadas que a população judaica de Israel protesta contra os “exageros” genocidas dos sionistas no poder, mas sempre os reencaminha ao poder.

Para terminar, veja o leitor estes dados comparados da vida econômica israelense e da vida econômica do árabe-palestino na Cisjordânia e em Gaza. Israel em dados do Banco Mundial de 2022 está em 14º lugar no ranking mundial do PIB per capita, à frente da Alemanha, da Inglaterra e da França. O PIB per capita de Israel em 2022 foi de 54.724 dólares. No mesmo ano, o PIB per capita nos territórios da Faixa de Gaza e da Cisjordânia foi de modestos 3.095 dólares, um dos mais baixos do mundo. A proporção comparada é que a riqueza per capita de Israel é no mínimo 17 vezes maior que a de Gaza / Cisjordânia. Israel tem uma extensão territorial de 21.500 km<sup>2</sup> com 9,5 milhões de habitantes, cerca de 7 milhões de israelenses e 2,2 milhões de árabes-palestinos, cuja imensa maioria atualmente está sendo trucidada por Israel em Gaza. A taxa de desemprego da população economicamente ativa em Gaza, no ano de 2021 foi de espantosos 47%<sup>7</sup>. Estes dados no seu simples enunciado descrevem um brutal regime de apartheid do Estado de Israel contra os palestinos. Estes são os resultados macroeconômicos de 75 anos do genocídio sionista para com os palestinos, é crível acreditar que alguém em Israel protestará contra esse Estado Sionista com força política para interromper a matança em Gaza? Evidente que não. As belas almas passam ao largo disso dançando numa rave...

## Referências

BERNARDO, João. De perseguidos a perseguidores: a lição do sionismo. In: **Passa Palavra**, 02.06.2010. Disponível em: <https://passapalavra.info/2010/06/24723/>. Acesso em: 10 out. 2023.

CLEMESHA, Arlene Elizabeth. Os últimos dos excluídos: os refugiados palestinos. In: Revista **Caros Amigos** (número especial). São Paulo: Casa Amarela, abril – maio de 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3167438&forceview=1>. Acesso em: 7 nov. 2023.

FINKELSTEIN, Norman G. **Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

LINDQVIST, Sven. **“Exterminem todas as bestas”**. Tradução de Ana Saldanha. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

PAPPE, Ilan. **Dez mitos sobre Israel**. Tradução de Bruno Cobalchini Mattos. Rio de Janeiro: Editora Tabla, 2022 (Ebook).

PAPPE, Ilan. **História da Palestina moderna**. Uma terra, dois povos. Tradução de Ana Saldanha. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

RIBEIRO, Janaina. Economia palestina definindo: projeção já era sombria antes de nova guerra. In: Invest News, 25 de outubro de 2023 In: Boletim **Invest News**. Disponível em: [https://investnews.com.br/economia/economia-palestina-definindo-projecao-ja-era-sombria-antes-de-nova-guerra/?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=palestina&utm\\_content=na\\_\\_news\\_email\\_\\_veja&utm\\_term=dg\\_\\_invnews\\_\\_na\\_\\_all\\_\\_25102023](https://investnews.com.br/economia/economia-palestina-definindo-projecao-ja-era-sombria-antes-de-nova-guerra/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=palestina&utm_content=na__news_email__veja&utm_term=dg__invnews__na__all__25102023). Acesso em: 25 out. 2023.

SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. Tradução de Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011 (Ebook).

## Notas

<sup>1</sup>Sobre as conexões sionistas com o colonialismo britânico consultar Pappé (2007, p. 73-103) e Bernardo (2010).

<sup>2</sup>Sobre a trajetória de Jabotinski, consultar Bernardo (2010).

<sup>3</sup>Essa medalha está na capa do artigo de Bernardo (2010).

<sup>4</sup>Arlene Clemesha, a melhor historiadora que temos sobre a questão Palestina tem um breve artigo em que publiciza em detalhada análise essa carnificina do sionismo de Israel contra os árabes-palestinos. Consultar Clemesha (2009) e também Bernardo (2010).

<sup>5</sup>A melhor análise que conheço dos fatos envolvendo o conflito em 1967 entre Israel e Egito que só se resolveu anos depois é a de Finkelstein (2005, p. 253-282).

<sup>6</sup>Lindqvist (2005, p. 153-155).

<sup>7</sup>Ribeiro (2023).

## Entrevistadores:

José Renato Ferraz da Silveira e  
George Leonardo Seabra Coelho